

FUNDAMENTOS DE UMA LINGUÍSTICA DO TEXTO REAL E FUNCIONAL

Óscar Loureda Lamas
Universidade de Heidelberg

*A linguística é, e deve ser, a transferência do saber intuitivo
do falante para o plano da reflexão.*
Eugenio Coseriu (2001: 822)

1. Uma das distinções mais divulgadas de Eugenio Coseriu, baseada em concepções clássicas, separa três níveis no falar: o *universal*, o *histórico* e o *individual*¹⁰⁶. Em sua *Competencia lingüística* (COSERIU, 1992, p. 80 e seguintes) explica que a linguagem nasce de uma capacidade geral do homem para se expressar; reconhece, além disso, que é acompanhada muitas vezes de uma atividade gestual que incide sobre o conteúdo do que se expressa¹⁰⁷; e esclarece, também, que apresenta uma

¹⁰⁶ Exposta, por exemplo, em Coseriu (1973, p. 286, e 1978, p. 45 e seguintes); mais demoradamente em Coseriu (1981a, p. 269-286 e 1992, p. 72-106); Coseriu (1992, p. 21 e seguintes) cita como fontes Wilhelm von Humboldt e Geor von der Gabelentz. Em Coseriu (1985 e 2000), diz mais claramente que a distinção é fundamental para toda a sua obra.

¹⁰⁷ "As atividades extralingüísticas acompanham e completam o falar; ocasionalmente podem até substituí-lo. Naturalmente, existe também uma competência que corresponde ao emprego dos recursos expressivos não linguísticos, já que se sabe como são feitos os gestos em geral e como são feitos em uma determinada comunidade" (COSERIU, 1992, p. 83).

dimensão puramente biológica¹⁰⁸. Mas, sublinha ele, nenhum dos três planos anteriores propicia a verdadeira e essencial dimensão do falar: também nos animais se percebe uma certa capacidade de expressão, hábitos gestuais e uma disposição psíquico-física para produzir e captar mensagens. A linguagem (quase desnecessário dizer, humana) é qualitativamente diferente por sua dimensão cultural¹⁰⁹. Coseriu (1992, p. 86) define-a nesse sentido como “uma atividade humana universal que se realiza individualmente em situações determinadas por falantes individuais como representantes de comunidades linguísticas com tradições comunitárias do saber falar”. Portanto, o falar é uma atividade *universal*, comum a todos os homens; também é *histórica*, pois quem fala emprega, no mínimo, uma língua; e é *individual* porque fala um indivíduo (mesmo no diálogo, alternadamente) e porque acontece num determinado *ambiente*¹¹⁰.

2. Os níveis *universal*, *histórico* e *individual* são dados por propriedades objetivas e constantes do falar. Sempre que alguém fala produz-se uma ação complexa na qual estão presentes essas três dimensões: quando fala Fulano, encontramos-nos diante dos fatos de que ele fala, de que fala pelo menos uma língua e de que é ele quem fala (e não Beltrano ou Sicrano). Trata-se de três planos simultâneos, mas autônomos, pois nenhum é explicado totalmente a partir dos demais: respondem a normas de funcionamento diferentes e dão lugar a diversos conteúdos.

¹⁰⁸ “O falar é primeiramente uma atividade psicofísica, isto é, uma atividade neurofisiologicamente condicionada. Este nível, reconhecível no falar, isto é, na criação e na utilização de signos linguísticos, vamos chamar de nível biológico” (COSERIU, 1992, p. 85).

¹⁰⁹ “A linguagem pertence a dois planos da vida do homem: o biológico e o cultural. A faculdade de falar, enquanto fisiológica e psiquicamente condicionada, pertence ao plano biológico; o saber falar, enquanto conhecimento técnico da linguagem em suas modalidades materiais e semânticas, pertence ao plano cultural” (COSERIU, 1991, p. 258). Não obstante, Eugenio Coseriu (1992, p. 86) insiste que o biológico e o cultural não estão em pé de igualdade: “O falar não é apenas uma atividade psicofísica, mas também, e principalmente, uma atividade cultural, isto é, uma atividade que cria cultura”.

¹¹⁰ O que comumente se denomina de contexto engloba, segundo Eugenio Coseriu, diferentes tipos de circunstâncias que determinam o falar. Sobre a tipologia dos ambientes, ver Coseriu (1973, p. 308 e seguintes, e 1997, p. 121-131).

2.1. No nível mais geral da linguagem, o universal, diz Coseriu, ocorrem os fenômenos comuns a todo falar, independentemente do idioma que se use. Neste âmbito têm lugar os princípios gerais do pensar e do conhecimento sobre as 'coisas' e de seu funcionamento normal, tudo isso idealmente anterior ao que Johannes Kabatek (online a: 1) denomina de 'diferenciação babélica das línguas':

[O nível universal] implica toda uma série e normas de conformidade da expressão com certas normas lógicas de 'coerência' – em particular, normas de ligação apropriada, de não contradição e de não tautologia – que, em princípio (isto é, salvo por suspensão 'histórica' [pela imposição de uma tradição na língua] ou 'intencional' [para a finalidade expressiva de um discurso]), são válidas para todo discurso em qualquer língua (COSERIU, 1987, p. 20).

O conteúdo correspondente a este nível universal do falar é a designação ou referência à realidade, ou seja, a relação em cada caso determinada entre uma expressão linguística e um 'estado real de coisas', entre signo e 'coisa' denotada:

A 'designação' [...] é a referência a uma 'coisa' ou a um estado de coisas, em um ato de falar e em uma situação determinada. O significado organiza a experiência humana, mas a organiza em 'modos de ser': contém apenas o 'ser das coisas', mas não a aplicação aos entes (que é, justamente, a 'designação'). Neste sentido, o significado é a 'possibilidade da designação'. Mas a designação, por sua vez, é o que é possibilitado mediante o significado, já que os entes são designados através de seu ser (COSERIU, 1991, p. 54).

Portanto, por meio da designação agrega-se ao dizer boa parte do conhecimento que o homem tem das coisas: o *saber linguístico*. Assim, no uso de *hombre* é incorporado, além do significado da língua espanhola 'ser humano adulto (em usos não neutros: varão)' oposto nessa língua a *mujer* 'ser humano adulto fêmea', conteúdos que, apesar de não serem significativos na língua – pois não geram oposições – atuam no falar: por

exemplo, que tenha pernas, braços, que pense etc.; por isso torna-se estranho, por ser óbvio, *Un hombre con piernas*, sem especificação posterior, como em *Un hombre con las piernas muy arqueadas* ou *Un hombre con las piernas bastante largas*¹¹¹.

2.2. O nível histórico da linguagem responde ao ato de falar em um determinado idioma. Cada idioma possui suas estruturas gramaticais e suas estruturas lexicais para expressar conteúdos: ambas são formas de *significado* (COSERIU, 1987, p. 128-147). Algumas das estruturas gramaticais podem exigir que o texto seja reconhecido como uma unidade funcional. Nas línguas costumam ser encontrados procedimentos – como as enumerações, certas referências anafóricas ou as citações – que não podem ser totalmente explicados do ponto de vista da oração. O conteúdo dos textos também pode estar previsto nas línguas. Se se quer reformular o que foi dito, em espanhol existem unidades como *mejor dicho*, *es decir* ou *quiero decir*; no alemão, *nämlich*, *das ist*, *das heißt*; em inglês, *in other words*, *it is to say*, *that is*; em italiano, *cioé*, *vuol dire*; em francês, *c'est-à-dire*. E quando se deseja fazer um resumo, isso pode ser indicado em espanhol por unidades como *em resumen*, *em una palabra*, *total* o *em resumidas cuentas*; em alemão, através de, por exemplo, *kurz und gut*, *kurz gesagt* ou *kurz gefaßt*; em inglês, por meio de *in summary*, *in short* ou *in a nutshell*; em francês, com *en somme*, *somme toute*, *en résumé*; em italiano, mediante *per dirla breve*, *in breve* ou *insomma*. São todas elas partículas que, através de seu significado, permitem explicitar o alcance do ato de fala; e são unidades próprias de cada uma das línguas citadas. Resumindo, quando uma língua contempla alguma dessas possibilidades, reconhece no texto um nível situado 'além' da oração¹¹².

2.3. Por último, o nível individual da linguagem incorpora a liberdade do texto como produto final do falar. O *texto é*, diz Coseriu, um ato linguístico, ou uma série de atos linguísticos conexos (unitários) de determinada pessoa em uma situação concreta, independentemente de sua

¹¹¹ Segundo Coseriu, os campos associativos de Charles Bally dependem em grande parte deste tipo de conteúdo. Também boa parte do que a pragmática denomina de implicatura.

¹¹² Ver Coseriu (1997, p. 187 e seguintes) ou Casado (1993).

extensão ou de sua forma material. Também é o produto de tal atividade¹¹³. Constrói-se sobre os dois níveis anteriores, o universal e o histórico, sem depender totalmente deles¹¹⁴. O tipo de conteúdo correspondente ao texto é o *sentido* ou *função textual*:

aquilo que, para além do significado e da designação, significa-se exatamente *mediante* o significado e a designação, e também com ajuda do contexto, da situação, do atuem nessa situação tais e tais pessoas etc. (por exemplo, o fato de ser um ato linguístico de 'resposta', 'ordem', 'confirmação', 'súplica' etc.) (COSERIU, 1991, p. 54, nota 4).

3. Os três níveis do falar não apresentam uma sequência desleixada. Ao contrário, oferecem uma ordenação conforme o seu grau de determinação:

¹¹³ Eugenio Coseriu, em correlação com a distinção entre atividade e produto, estabelece uma distinção entre discurso e texto (por exemplo, em Coseriu 1981a: 272): "No nível individual, a linguagem como atividade é o 'discurso', isto é, o ato linguístico (ou a série de atos linguísticos interligados) de um determinado indivíduo em uma determinada situação [...]; e, como produto, é um 'texto' (falado ou escrito)". Em contextos nos quais a distinção mencionada não é relevante, emprega texto como termo não marcado.

¹¹⁴ Concretamente, sem depender do nível idiomático. O fato de os textos poderem ser regidos parcialmente pela gramática de um idioma não implica que dependam inteiramente das línguas (cf. Coseriu 1997, p. 64-68). Em primeiro lugar, os textos são compostos normalmente em um idioma, mas não são raros os discursos nos quais se mesclam línguas diferentes. Em segundo lugar, os atos de fala podem deixar em suspenso normas de um idioma sem que por isso resultem inaceitáveis (essa suspensão tem seu sentido). Em terceiro lugar, os discursos têm contexto: as línguas não. Em quarto lugar, apenas os textos têm universo de discurso na área de conhecimento que o dota de sentido: "Por universo de discurso entendemos o sistema universal de significações a que pertence um discurso (ou um enunciado) e que determina sua validade e seu sentido. A literatura, a mitologia, as ciências, a matemática, o universo empírico, enquanto 'temas' ou 'mundos de referência' do falar, constituem 'universos de discurso'. Uma expressão como: a redução do objeto ao sujeito tem sentido em filosofia, mas não tem nenhum sentido na gramática; as frases como a viagem de Ulisses e a viagem de Colombo, segundo dizia Parmênides e segundo dizia Hamlet, pertencem a diferentes universos de discurso" (Coseriu, 1973, p. 318; também neste volume, IV §§ 3.1.1. - 4.1.3., para a revisão de alguns aspectos do primeiro trabalho). Em quinto lugar, os textos, à margem das línguas, possuem suas próprias tradições: por exemplo, os romances se compõem de versos octossilábicos, rimados nos pares e soltos nos ímpares; e os sonetos, por dois quartetos e dois tercetos de endecassílabos (isso independentemente da língua na qual são construídos).

Si ha qui una sequenza ordinata di tre livelli, ciascun dei quali risulta di volta in volta ulteriormente determinato. È il parlare in generale ad essere anzitutto determinato all'interno di una particolare tradizione; questo parlare in base a una particolare tradizione storica viene quindi nuovamente determinato come 'testo' (COSERIU, 1997, p. 32).

Cada um tem uma atividade específica: ao nível *universal* corresponde o *falar em geral*; ao *histórico*, a *língua* e ao *individual*, o *discurso* ou *texto*. E cada atividade, por sua vez, apoia-se em *saberes* (= competências) diferentes: o saber falar em geral e o *saber elocucional*; o saber exprimir as possibilidades de uma língua, o *saber idiomático*; e o saber construir textos adequados a situações, temas ou interlocutores, o *saber expressivo*¹¹⁵.

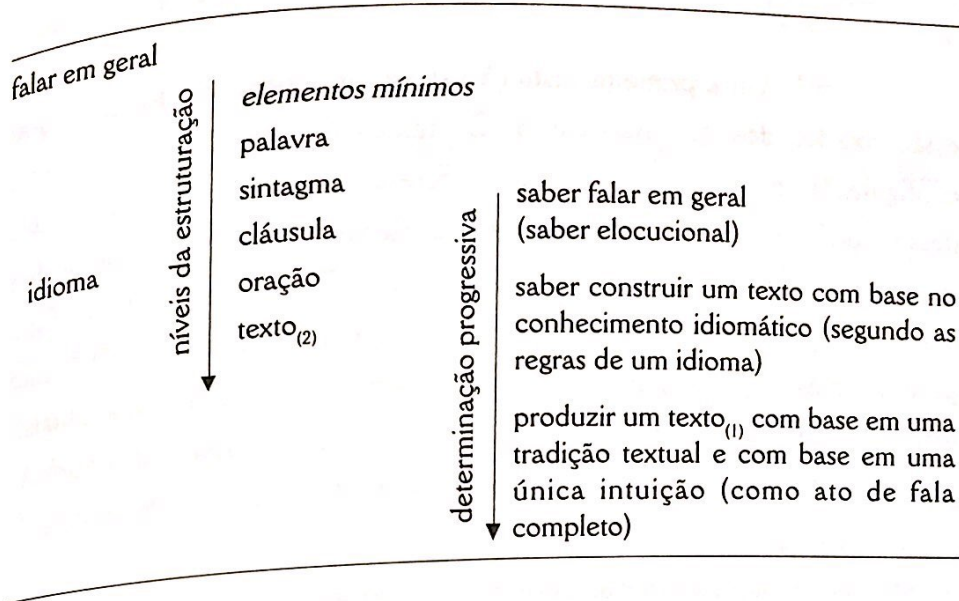
No saber falar podem-se distinguir três escalões: o universal (conhecimento das modalidades universais da linguagem, isto é, da técnica universal do falar), o histórico (conhecimento de formas e conteúdos linguísticos historicamente determinados) e o circunstancial (conhecimento de possibilidades que a linguagem oferece para diversas circunstâncias e para diversos momentos expressivos). Estes três escalões podem ser chamados de: saber elocucional, saber idiomático e saber 'expressivo' (COSERIU, 1991, p. 258).

4. Eugenio Coseriu, como já foi dito, utiliza o termo *texto* com dois significados diferentes: como nível autônomo do linguístico (*texto*₁) e como nível da estruturação idiomática (*texto*₂), superior à oração, à cláusula, ao sintagma, à palavra e aos elementos mínimos portadores de significado. Esses dois conceitos estão ligados esquematicamente da seguinte forma (COSERIU, 1997, p. 61: adapto a versão em língua italiana):

¹¹⁵ Mais detalhes em Coseriu (1992, p. 91 e seguintes).

Gráfico 1

O texto segundo Eugenio Coseriu



O esquema implica que o texto como nível último da linguagem é um momento necessário do falar; por outro lado, o texto entendido como nível de organização gramatical de um idioma não o é. Segundo Eugenio Coseriu, apenas são racionalmente necessários (e aparecem, portanto, em todas as línguas) o nível dos elementos mínimos e o nível da oração, indicados no esquema em itálico (COSERIU, 1997, p. 49 e seguintes); no entanto, do ponto de vista da comprovação empírica, a totalidade das línguas conhecidas contém procedimentos específicos para a construção do nível textual (como mínimo, para a articulação de orações). Se uma língua reconhece o texto como uma unidade gramatical, nele se manifestam também os saberes elocucional, idiomático e expressivo; caso contrário, estariam registrados na construção das frases ou orações (unidades gramaticais presentes em todo idioma).

5. O texto, por ser o nível mais concreto da linguagem, apresenta certa complexidade. Por um lado, porque nos discursos são mostrados os saberes correspondentes aos demais níveis da linguagem: de fato, as normas do saber elocucional e do saber idiomático aparecem neles como instrumentos (= *significantes*, cf. § III 3.2.2.) para a configuração de seu

conteúdo específico: o *sentido*¹¹⁶. Por outro lado, o texto e os elementos que intervêm em sua construção aparentemente têm maior variedade interna que as normas gerais do pensar e que as regras da gramática e do léxico.

5.1. Uma primeira distinção deve diferenciar os discursos que estão fixados dos que não estão. Os textos fixados apresentam uma configuração tradicional, no sentido de terem sido criados ou transmitidos desse modo em uma comunidade de fala. Refrões como *Agua que no has de beber, déjala correr*, ou frases famosas como "That's one small step for a man, one giant leap for mankind"¹¹⁷ ou "Ich bin ein Berliner"¹¹⁸, não pertencem às línguas espanhola, inglesa e alemã (= às suas técnicas atuais), respectivamente, mas à *tradição textual* dos falantes do espanhol, à *tradição textual* dos falantes do inglês e à *tradição textual* dos falantes do alemão¹¹⁹:

certas formas não pertencem de modo algum à técnica idiomática, já que não equivalem a unidades combináveis desta: são formas que correspondem a textos completos (ou a fragmentos de textos de sentido completo), como as frases feitas/citações ou provérbios. Nesse caso não pode haver oposições dentro da técnica idiomática, mas apenas entre um texto e outro texto;

¹¹⁶ Não obstante, os atos de fala podem deixar em suspenso, quando não anular ou eliminar, essas mesmas normas, em virtude de alguma intenção maior (ver COSERIU, 1992, p. 141-147 e 199-204). Assim, um conteúdo incongruente como "Afoga-se afundando num mar de dúvidas e não se decide por nadar" não é apenas um conteúdo incongruente: afirma-se neste discurso para se obter um efeito cômico. Também nas tradições históricas de certos textos, as normas de um idioma podem deixar de ser aplicadas, como acontece, por diferentes motivos, nos telegramas ou nas mensagens enviadas por telefone celular.

¹¹⁷ Foram as palavras do astronauta Neil Armstrong quando pisou na Lua e se comunicou com a Terra.

¹¹⁸ Discurso pronunciado por John Kennedy em 26 de junho de 1963 em sua visita a Berlim para confirmar o apoio dos Estados Unidos à Alemanha Ocidental. Trata-se, além disso, de um bom exemplo de como a tradição (= fixação) dos discursos pode passar por cima da tradição dos idiomas (= das normas históricas das línguas), pois o que Kennedy queria dizer ("Eu também sou um Berlinense") em alemão se expressa normalmente sem o artigo (Ich bin Berliner): na realidade, poder-se-ia entender que Kennedy se apresentava como um bolo recheado com geleia, um sonho recheado (ein Berliner).

¹¹⁹ Isto independentemente de poderem ser conhecidos muito além das fronteiras da comunidade em que se originam.

trata-se, na realidade, de formas da 'literatura' (em sentido amplo, quer dizer, também moral, ideologia etc.), de tradições literárias inseridas na tradição linguística e que deveriam ser estudadas pela linguística do texto e pela filologia (COSERIU, 1981a, p. 300-301).

Eugenio Coseriu (1992, p. 103) reconhece, pois, que os textos podem ter suas próprias tradições, independentes dos idiomas, como no caso dos provérbios, dos ditos populares e das fórmulas fixas (por exemplo, as existentes para cumprimentar):

Nem textos como *Guten Tag!* pertencem, enquanto textos, ao nível da língua particular, apesar de existirem unicamente em uma determinada comunidade linguística. O fato de que justamente *Guten Tag!*, e não outra coisa, seja usado como fórmula de cumprimento [na comunidade que tem por língua o alemão] é uma tradição textual e não uma tradição linguística particular, ainda que o normal seja que todos os membros da comunidade linguística conheçam essa expressão. Por este motivo, tampouco diria que, por exemplo, *Bon matin!* não existe em francês, mas diria que este texto nunca foi formado ou que nunca se converteu em tradição na comunidade linguística francesa (COSERIU, 1992, p. 194-195).

Estes *textos fixados* exteriorizam, então, a tradicionalidade em sua imobilização e em sua repetição, e seus limites precisam coincidir com os de uma dada comunidade linguística: pode haver *equivalência* (por exemplo, ditos populares de diferentes comunidades que expressam o mesmo conteúdo, fórmulas de cumprimento para as mesmas situações ou frases famosas traduzidas que também ficam famosas em outras comunidades: daí as conhecidas palavras do gaulês *Obelix Ils sont fous, ces Romains* terem um correlato funcional e histórico em espanhol, *Están locos estos romanos*, ou em alemão, *Die spinnen, die Römer*); mas trata-se em todos os casos de *equivalência entre textos diferentes*. Por tudo isso, Coseriu fala às vezes de 'textos incorporados na própria tradição linguística' (por exemplo, COSERIU 1997, p. 67). Diferenciam-se dos textos *supra-idiomáticos* (COSERIU, 1997, p. 68) no sentido de eles não costumarem coincidir com os limites de uma

comunidade linguística: as estruturas supra-idiomáticas como o soneto, o silogismo ou a notícia são semelhantes em comunidades diferentes e os esquemas que os singularizam, como padrões, não seguem normas de um idioma:

Se as fórmulas de cumprimento não pertencem ao nível da língua particular, muito menos os tipos de texto como 'notícia', 'silogismo' ou 'soneto'. As normas que constituem esses textos não estão simplesmente por cima da língua particular, mas nem sequer pertencem à estrutura linguística particular (COSERIU, 1992, p. 195).

5.2. Os textos não fixados permitem comprovar mais facilmente as diversas dimensões do nível individual do falar. Todo discurso é um fato pragmático. Ou, como escreve Antonio Vilar novo (VILARNOVO-SÁNCHEZ, 1994, p. 41 e seguintes), "duplamente pragmático": primeiro, porque se trata de uma ação e de seu produto: e, segundo, porque nele intervêm decisivamente elementos não verbais. Desta forma, o texto, como resultado do nível individual da linguagem, deve ser definido de acordo com os elementos que participam dele enquanto fato comunicativo: num nível mais geral, o falante, o ouvinte, o meio de comunicação, o próprio discurso e o contexto (ou melhor, o ambiente). De um primeiro ponto de vista, todos esses fatores são determinantes nos discursos: sempre aparecem neles contribuindo para configurar de forma essencial seu conteúdo e função. Formam o que Vilar novo chama de *primeira dimensão pragmática dos discursos*. Por outro lado, nos textos pode-se observar uma *segunda dimensão pragmática* na medida em que em toda ação do homem há uma finalidade. Em última instância, a finalidade incorpora seu sentido no ato de fala: por exemplo, os anúncios são feitos para se fazer conhecer uma informação; as piadas, para fazer rir; a explicação, para que se compreenda alguma coisa; a advertência, para chamar a atenção para alguma coisa; a falácia, para causar dano; e a proposta, para que seja levada em conta (e, no caso, para que seja aceita).

5.3. Estas duas dimensões pragmáticas dos textos não constituem realidades desconexas. Ao contrário:

a primeira dimensão pragmática destacada tem seu fundamento na segunda: mas, ao mesmo tempo, a segunda dimensão

pragmática é possibilitada pela primeira, já que o fim é o fundamento e a razão de ser dos meios: os textos têm certas características pragmáticas (no primeiro sentido) para cumprir com uma determinada função, para realizar um tipo de interação social e, com relação a esta finalidade [...], os diversos textos são construídos de uma determinada forma. Ao mesmo tempo, se os textos conseguem alcançar seu objetivo [...] é precisamente porque foram dotados de certas características, porque estão constituídos de tal forma que guardam um tipo concreto de relações no que diz respeito ao emissor e aos demais elementos da comunicação (VILARNOVO-SÁNCHEZ, 1994, p. 42-43).

6. Em linhas gerais, são estas as distinções de Eugenio Coseriu norteadas por seu permanente propósito de objetividade. Não se trata de distinções feitas convencionalmente, de acordo com uma hipótese inicial que deve demonstrar, mas de distinções que organizam, esclarecem e justificam no plano científico o saber oriundo do falante. A partir desses pode-se fazer outras que servem para estabelecer, de forma coerente com o pensamento, as demais dimensões *reais*, *funcionais* e *autônomas* dos discursos: *reais* porque existem e os falantes as reconhecem intuitivamente; *funcionais* porque criam conteúdos específicos em todo falar; e *autônomas* porque implicam saberes ou competências independentes.

7. Os textos são atos individuais, mas não absolutamente singulares. Apresentam uma *dimensão universal*: propriedades racionalmente comuns a todos. Ao mesmo tempo, possuem uma *dimensão tradicional*, que faz que compartilhem modos de dizer ou moldes expressivos¹²⁰. E,

¹²⁰ Segundo Kabatek (online b), é preciso diferenciar entre a historicidade primária, que é historicidade da língua como tal interiorizada no homem, e a historicidade como repetição de qualquer manifestação cultural. No caso dos atos do discurso, a historicidade secundária se apresenta como repetição de qualquer elemento significável do falar (formas estilísticas, elementos linguísticos ou suas combinações, estruturas, etc.). A primeira historicidade liga o falante com uma comunidade delimitada por um idioma: a segunda, o vincula a uma comunidade textual. Comunidade idiomática e comunidade textual podem coincidir, se apenas uma tradição discursiva é conhecida em toda uma comunidade idiomática, mas o normal é que as tradições discursivas ultrapassem as comunidades idiomáticas (no caso, por exemplo, da estrutura da notícia).

finalmente, manifestam propriedades *individuais*: aquelas que fazem que um texto seja esse e não outro. Os sermões de Luther King, por exemplo, são *textos*, são *sermões* (se identificam com este gênero e assumem certas tradições textuais), e são *esses sermões* e não *outros* (LOUREDA, 2003a, p. 30 e seguintes).

7.1. As exigências universais dos textos representam todas elas características pelas quais um texto é justamente um texto e não outra coisa. Esses elementos, sempre presentes no falar, são: o falante, o ouvinte, o meio de comunicação, o discurso (com uma forma e um conteúdo), o contexto ou ambiente (com suas diferentes manifestações, ver nota 5) e a finalidade, que governa os anteriores (ver § 5.2. e § 5.3.). Não poderiam ser apresentados como argumento fatores da mesma classe que determinem a existência de um texto: os demais, de alguma forma, podem estar subordinados a estes e a suas relações.

7.2. Em um segundo nível, os textos apresentam categorias tradicionais. Na bibliografia, estas são chamadas, com diferentes finalidades, de *regularidades textuais*, *esquemas tradicionais*, *propriedades social e historicamente consolidadas*, *categorias socialmente reconhecíveis*, *estruturas relativamente estáveis*, *formas discursivas arquetípicas*, *esquemas fixados socioculturalmente*, *estruturas globais* ou *propriedades convencionalizadas*. Atualmente existe certa coincidência, sobretudo na linguística românica alemã, em denominá-los de *tradições discursivas* (*Diskurstraditionen*)¹²¹. As tradições discursivas se baseiam no conceito de *historicidade secundária* (ver nota 15) e, em síntese, supõem repetições de qualquer ato do discurso (modalidades do falar, elementos linguísticos ou situacionais, estruturas etc.) que criaram, e recriam mediante sua repetição, modos particulares de expressão:

Uma Tradição Discursiva (TD) pode ser formada com base em qualquer elemento *significável*, tanto *formal* quanto de *conteúdo*, cuja reevocação estabelece um laço de união entre *atualização* e *tradição textuais*; qualquer relação que possa ser estabelecida

¹²¹ Vide, por exemplo, Schlieben-Lange (1983), Koch (1997), Oesterreicher (1997 e 2001) ou Kabatek (online a, online b e 2004).

entre dois enunciados, seja quanto ao ato de enunciação em si, seja quanto aos elementos referenciais, a certas características da forma textual ou aos elementos linguísticos empregados. [...] Uma TD é estabelecida, nesta visão ampla, com base em dois textos (ou mais de dois, obviamente) relacionáveis por seu conteúdo, língua ou forma, ou com base em duas situações (ou constelações de ambientes) que evocam dois textos relacionáveis (KABATEK, *online c*, p. 1).

Entre as tradições discursivas encontram-se os *tipos de texto* (*gêneros* ou *classes de discurso*)¹²². São definidos por três propriedades: a) são funcionais, pois contém certos elementos que contribuem para dar sentido ao que se diz; b) constituem projeção (= concretização) dos traços universais do falar; e c) sempre fazem parte dos atos de fala, ou seja, não há palavras ditas que não pertençam a um gênero.

7.2.1. Um traço constitutivo dos textos é seu pertencimento a um tipo, gênero ou classe. Os falantes, cada vez que tomamos a palavra, escolhemos entre diferentes possibilidades funcionais: assim, para fazer uma exposição em público pode-se escolher entre uma possibilidade formal, uma conferência, ou informal, um bate-papo; e para comunicar o que se quer

¹²² Não utilizo gênero com o significado terminológico utilizado nos manuais literários ou nos de retórica. Neste breve trabalho, gênero textual, classe de texto e tipo de texto são usados para designar um mesmo nível de fatos. Habitualmente, estes três nomes denominam dimensões distintas dos discursos. Por um lado, há quem faça a distinção entre tipos de texto e as classes de texto: classe de texto designa um conjunto de textos com pelo menos uma propriedade em comum, independentemente de essas propriedades terem importância suficiente para integrar esses grupos em uma classificação tipológica científica; por sua vez, os tipos de texto são formas específicas de textos descritas e definidas dentro de uma tipologia científica. Resumindo, todo tipo é uma classe, mas nem toda classe é um tipo. Uma segunda distinção normal separa os gêneros dos tipos. Os gêneros são formas linguísticas social e culturalmente estabelecidas; são formas reconhecidas pelos falantes por 'traços externos' ou por parâmetros situacionais nos quais são produzidos: os 'traços internos' (formas e conteúdos verbais, estruturas linguísticas etc.) se associam a essas formas, mas não as definem, de modo que uma receita de cozinha, por exemplo, é um gênero que pode incorporar traços linguísticos de tipos diferentes (formas de instrução, narração, descrição etc.). Os tipos, por sua vez, são formas discursivas definidas por traços verbais ('internos'), são estáveis do ponto de vista semântico-pragmático e comunicativo e constituem, ao contrário dos gêneros, uma lista limitada.

temos que optar entre modelos como o pedido, a súplica, a reclamação ou a solicitação/petição. Ou quando lemos uma notícia num jornal, a lemos como tal, não como uma coluna de opinião ou como uma reportagem. Consequentemente, o tipo de texto é um suporte real e autônomo do falar: responde a uma tradição que é estabelecida a partir de textos do *nível individual da linguagem*¹²³. Funciona como fato pragmático, na esfera do falante e na do ouvinte: no primeiro caso marca restrições em codificação; no segundo, serve de guia para a interpretação ou como horizonte de expectativas (cf. Reiss-Vermeer 1996:164). Se são frustradas as expectativas que o ouvinte tem a respeito do gênero, podem ocorrer duas coisas: ou ele busca no texto um sentido ulterior (quando numa festa de casamento, o noivo recebe pêsames de seus amigos, não o toma como tal, porque não se apresentam pêsames em contextos felizes: encontrará nessas palavras, mais que pêsames, uma brincadeira) ou fracassa a comunicação, ou porque o receptor não entende o sentido do ato de fala, ou porque não lhe dá validade (se alguém recebe um atestado de óbito e descobre que ele não foi emitido por um médico credenciado, não lhe dá valor).

7.2.2. A existência do tipo de texto como nível real, funcional e autônomo do falar se faz patente em algumas possibilidades do falar¹²⁴: por exemplo, na imitação paródica. A paródia se apropria dos traços estilísticos, formais, de conteúdo ou contextuais de um texto (= evoca-os), ao mesmo tempo em que cria um distanciamento jocoso e às vezes crítico: pensemos, por exemplo, nas versões de canções ou de discursos que fazem os humoristas. Mas pode-se parodiar não apenas um texto concreto. A última referência também pode ser um gênero como tal. Neste caso, a apropriação diz respeito aos traços de um tipo de texto: por exemplo, no poema de Lope de Vega que começa com o verso *Un soneto me manda hacer Violante se*

¹²³ Em Kabatek (online a) o tradicional dos discursos pertence ao saber expressivo e ao nível individual da linguagem: o nível individual da linguagem não é apenas o âmbito do singular, pois em cada ato de fala se realizam, ou podem se realizar, diferentes tradições. Por outro lado, Koch (1997), Koch-Oesterreicher (1994) e Oesterreicher (2004:200) situam o histórico ou as tradições discursivas no nível histórico da linguagem.

¹²⁴ Isso independentemente de que os falantes, como produtores e como receptores, conheçam intuitivamente a existência de dois gêneros discursivos (ver HEINEMANN-VIEHWEGER 1991).

faz uma paródia de um tipo de texto, o soneto, e não (ou não apenas) uma imitação burlesca de um texto concreto.

7.2.3.1. Os tipos de texto possuem certos *traços essenciais*. São aqueles que indicam o que é um gênero (por exemplo, o que é um conto, o que é uma ameaça, o que é um brinde, o que é um convite, o que é uma descrição, o que é um manifesto etc.) e tudo que permite identificar, por meio de diferenças funcionais, as oposições entre os gêneros: por exemplo, qual é a diferença entre uma ordem e um conselho, entre uma explicação e uma justificativa, entre uma conversa e uma discussão, entre um pedido e uma súplica. São, definitivamente, os traços mediante os quais os falantes de cada comunidade reconhecem imediata e intuitivamente os gêneros em seus próprios atos de fala e nos dos outros.

7.2.3.2. Explicar o que é um tipo de texto implica oferecer sua definição universal e sua forma de ser ideal: as condições mínimas que os falantes exigem para reconhecê-lo. A resposta ao que é uma tragédia, uma conferência, um desmentido, uma paráfrase, um monólogo etc. informa sobre o que faz uma tragédia ser uma tragédia, e não uma comédia (por sua finalidade e conteúdo dramáticos); aquilo que faz uma conferência ser uma conferência, e não um bate-papo (pelo maior grau de formalidade na exposição); aquilo que faz um desmentido ser um desmentido, e não uma crítica (porque não implica a exposição de uma censura: seu conteúdo se limita à afirmação de que algo que foi dito não está certo); aquilo que faz uma paráfrase ser uma paráfrase, e não uma tradução (porque a interpretação do discurso original é livre e não está necessariamente em um idioma diferente); aquilo que faz um monólogo ser um monólogo, e não um diálogo (porque no solilóquio há necessariamente apenas uma voz, e não uma pluralidade de vozes) etc.

7.2.4. Do ponto de vista dos traços essenciais, os falantes utilizam os gêneros como modelos ideais intuitivos aglutinadores paradigmáticos dos caracteres necessários de todos os textos de uma mesma natureza.

7.2.4.1. São *construções ideais (classes)*; modelos, se preferirem. Não são textos concretos (*indivíduos*).

7.2.4.2. São *intuitivos*. Enquanto instrumentos dos falantes, são fruto do imediatismo de seu conhecimento da realidade. Não dependem, portanto, da reflexão ou da organização objetivamente justificada, mas da percepção acidental de classes de coisas diferentes; daí que cada comunidade de fala intua, ou possa intuir, diferentes tipos de texto. Em outras palavras, a distinção de gêneros não está baseada em traços *objetivos* impostos imperativamente pelos discursos, pois, caso contrário, as distinções de todas as comunidades de fala coincidiriam.

7.2.4.3. São *aglutinadores paradigmáticos*. Cada tipo incorpora uma série de propriedades que o distinguem de outros. São modelos dentre os quais nós, falantes, podemos (e devemos) escolher. Por isso, aprender seus traços essenciais supõe aprender a identificar os tipos de texto, aprender a lhes atribuir unidade e aprender a usá-los para gerar expectativas.

7.2.4.4. A primeira coisa que os tipos de texto incorporam são traços essenciais comuns a todos os elementos de uma mesma natureza; e ao contrário, um discurso concreto é reconhecido como membro de tal ou tal classe exatamente porque nele se manifestam essas condições mínimas necessárias (LOUREDA, 2003a, p. 36 e seguintes). Assim, todos os textos abaixo podem ser reduzidos ao modelo espanhol de *trava-línguas* porque cumprem com a condição essencial da existência de uma série de dificuldades para a pronúncia:

- a) *Una gallina pinta piperipinta tenía tres pollitos pintos piperipintos. Si la gallina no hubiera sido pinta piperipinta, los pollitos tampoco hubieran sido pintos piperipintos.*
- b) *El suelo está enladrillado, quién lo desenladrillará. El desenladrillador que lo desenladrille, buen desenladrillador será.*

A partir destes, formam-se traços *concomitantes* ou *regulares*, isto é, traços que costumam aparecer nos textos e, sem serem definidores, ajudam a caracterizá-los: por exemplo, a existência de certa rima ou de ritmo, ou a brevidade (cf. § 7.2.9.).

7.2.5. Como se formam estes modelos ideais? Mais exatamente, de que maneira os falantes formam e reconhecem os tipos de texto? Geralmente são dados dois tipos de explicação: segundo alguns, a maioria, são identificados por dedução, a partir de muitos exemplares de cada gênero; segundo outros, intuitivamente.

7.2.5.1. Para os que defendem a dedução, as falantes reconheceriam os gêneros após cotejarem as semelhanças e diferenças de muitos exemplares de um mesmo tipo. Assim, para chegar ao tipo de texto *adivinhação* seria necessário apenas examinar diversos exemplares de *adivinhações* e comprovar realmente quais são suas propriedades constantes, ou muito frequentes, e quais não são. O ponto de partida estaria, portanto, no exame de uma série de fatos (= textos) concretos; no caso das *adivinhações*, exemplos como os seguintes:

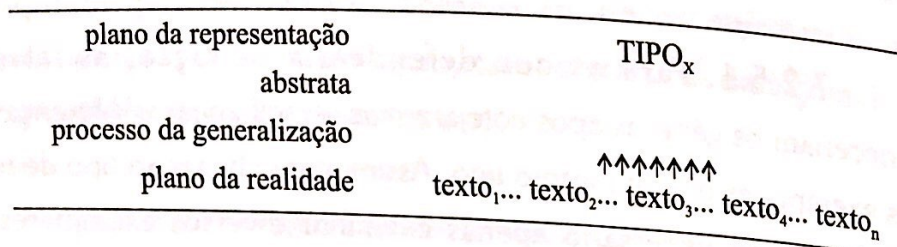
- c) *Todos pasan por mí y yo no paso por nadie, todos preguntan por mí y yo no pregunto por nadie* (solução: la calle, 'a rua').
- d) *Te la digo y no me entiendes. Te la repito y no me comprendes* (solução: la tela, 'tela').
- e) *¿Qué cosa no ha sido y tiene que ser, y que cuando sea dejará de ser?* (solução: el día de mañana, 'o dia de amanhã').
- f) *¿Qué será, qué es?: mientras más grande, menos se ve* (solução: la obscuridad, 'a escuridão').
- g) *¿Qué es lo que es algo y a la vez nada?* (solução: un pez, 'um peixe')

O passo seguinte consistiria em generalizar ou atribuir os traços efetivamente comprovados aos textos não analisados: não são examinadas todas as *adivinhações* existentes, mas um número mais ou menos 'representativo' e, a partir daí, essas mesmas propriedades seriam atribuídas aos exemplares não considerados. Assim seriam construídos o esquema genérico e as características próprias da *adivinhação*: um texto breve, com rima e ritmo, no qual se esconde deliberadamente um conceito para que, como jogo, se tente fazer descobrir. A partir daí, o falante já seria capaz de reconhecer as *adivinhações* e suas características de modo que, com esse modelo, lhe seria possível produzir seus textos e entender os textos dos

outros. Esquemáticamente, os tipos de texto seriam formados como apresentado abaixo:

Gráfico 2

A construção dos tipos de texto



7.2.5.2. Os que, como eu, sustentam que os falantes conhecem intuitivamente os tipos de texto, pensam que seus traços essenciais não são deduzidos da comparação de muitos discursos individuais, por abstração e generalização. Essas operações implicam uma prévia intuição da natureza de algo. Não se pode determinar que se trata de uma adivinhação abstraindo e generalizando a partir de um conjunto de textos, porque para construir esse campo de aplicação (Isenberg) é preciso saber de antemão que o que se seleciona são adivinhações e não tragédias, trava-línguas, descrições, diálogos, entrevistas, elogios, relatos ou acusações¹²⁵. Se não, por que reproduzimos apenas as adivinhações e não exemplos de outros gêneros?; como sabemos que esses textos são adivinhações antes de comprovarmos que têm traços em comum? Da mesma forma, o normal é que nessa escolha encontremos propriedades de importância desigual para a definição do gênero.

¹²⁵ “O reconhecer algo como algo, isto é, mesmo que tacitamente, x é a (por exemplo, ‘isto é uma tragédia’) implica um ‘conhecimento antepredicativo’, uma intuição do ser do objeto que ‘classificamos’” (COSERIU, 1981a, p. 53-54). Em outras palavras, entender uma identidade (neste caso, uma categoria textual) implica necessariamente numa diversidade pensada (isto é, numa categoria distinta de outras). Esta ideia se baseia no princípio de universalidade do indivíduo, “um dos princípios fundamentais da fenomenologia de Husserl, para quem nenhum ‘indivíduo’ é apenas e exclusivamente indivíduo, mas que contém em si, e manifesta, sua própria universalidade. A mesa em que escrevo não é apenas ‘isto aí’, não identificável, e nem sequer apenas ‘esta mesa’: se a reconheço como ‘mesa’ é também ‘mesa em geral’. Um indivíduo (= fato individual) não é apenas este indivíduo absolutamente particular e irrepetível, mas também é um modo geral de ser” (COSERIU, 1981a, p. 53). Ver também I § 5.1. e seguintes.

O conceito de 'adivinhação' parte de reconhecer intuitivamente a possibilidade de um modo de ser em um e em muitos objetos existentes (o ser adivinhação, para continuar com o mesmo exemplo): um modo de a realidade verbal se comportar que pode servir para classificar e identificar outros discursos mesmo que não proferidos ou, ainda, que não tenhamos percebido. Trata-se, portanto, de um modo de ser reconhecido intuitivamente, de forma que não implica nem reflexão, nem uma distinção cientificamente definitiva, daí que cada comunidade de fala possa escolher modelos textuais diferentes (que, certamente, também podem coincidir).

Em relação aos gêneros, o essencial de um discurso se codifica, conseqüentemente, no conjunto de propriedades mínimas exigíveis para que possa ser classificado de uma forma ou de outra. E não necessitamos muitas adivinhações, mantendo o mesmo exemplo, para formarmos o conceito de 'adivinhação'; sabemos como são idealmente (aquilo que lhes é exigível) e universalmente (todos os casos ocorridos e ainda por ocorrer) pelo simples fato de sabermos o que é uma adivinhação, pelo conhecimento deste conceito¹²⁶. Certamente, determo-nos em muitas adivinhações vai enriquecer nossa ideia inicial; mas o que formamos por comparação de atos de fala concretos não é o *essencial* do tipo de texto (o que ele é), mas o *geral* ou *concomitante* (como ele é)¹²⁷. Os conceitos de 'narração', 'descrição', 'argumentação', 'notícia', 'piada', 'ordem' etc. residem nesses termos; além disso, também os conceitos de 'piadas de galegos', 'cartas de Andrés Bello' ou 'comunicações de professores universitários em mais de cinquenta anos de congressos internacionais sobre medicina' residem nessas sequências; mas nos termos *narração, descrição, argumentação, notícia, piada, ordem* etc., e nas sequências *piadas de galegos, cartas de Andrés Bello* ou *comunicações de professores universitários em mais de cinquenta anos de congressos internacionais sobre medicina* não aparece como são tais textos (ou como eles costumam ser): isto apenas se alcança com a análise dos textos aos quais é possível aplicar tais conceitos.

¹²⁶ Encontrar os traços comuns de um dado conjunto de adivinhações não implica achar o universal (o modo de ser) das adivinhações; ao contrário, o modo de ser ideal (universal) das adivinhações é anterior, o que possibilita a constituição do conjunto no qual se observam traços coincidentes (em todos ou apenas na maioria de seus integrantes).

¹²⁷ Para a distinção entre o essencial e o geral, ver Coseriu (1981a: 53 e seguintes).

O essencial dos gêneros, portanto, apresenta-se como condição para a comprovação de traços comuns nos discursos: é o que pertence ao conceito ou pode ser deduzido dele, ou o conjunto de propriedades sem as quais uma classe não seria a classe que é. Assim, o universal de uma adivinhação se reduz a que seu conteúdo diga algo de forma encoberta para que se tente descobrir como em uma brincadeira: se o conteúdo e a finalidade de um texto não são esses, não se trata de uma adivinhação, mas de outro tipo de texto. Ver os exemplos de (c) a (g) (§ 7.2.5.1.). Não é um traço essencial da *adivinhação*, por exemplo, que ela tenha rima ou ritmo: isso falta, de certa forma, no exemplo (g); nem que contenha um jogo de palavras metalinguístico: existe apenas nos testemunhos (d) e (g); nem que tenha a forma de uma pergunta, como em (e), (f) e (g). A ausência de qualquer dessas propriedades não implica que esses textos deixem de ser adivinhações. Em outras palavras, a possibilidade (infinita) de ser adivinhação é idealmente anterior às adivinhações; do mesmo modo que a *dialogicidade* é idealmente anterior ao diálogo.

7.2.6. Não necessitamos, portanto, abstrair os traços essenciais a partir de textos concretos. Para os descobriremos temos apenas que perguntar ao conceito de um tipo de texto se esta propriedade é necessária para que tal discurso pertença à classe A e não à classe B. É preciso então se colocar diante do conceito e averiguar se essa característica é determinante: é preciso situar-se, no nosso exemplo, diante do conceito de 'adivinhação' e se perguntar se tal ou tal traço é necessário para que um determinado texto seja tal; e o mesmo se deve fazer para o diálogo, a advertência, o anúncio, a promessa, a declaração, a carta comercial, o manual de uso de televisores, a notícia de acontecimentos, o registro de falecimento, a receita médica etc.

7.2.7. Uma vez explicado como se formam os gêneros, interessa saber (aos falantes, primeiramente, e aos linguistas depois) quantos tipos de textos existem. Tantos quantos se queira. Isso não quer dizer que todos os tipos tenham a mesma importância: como gêneros, todos são iguais, mas sua importância quanto à sua frequência de uso e quanto às suas possibilidades funcionais pode ser marcadamente distinta.

7.2.7.1. Em primeiro lugar, dado que as línguas representam o depósito essencial de significados que organizam a realidade, seus respectivos léxicos contêm nomes para identificar os gêneros, enquanto parte dessa realidade. As línguas são, efetivamente, a primeira tomada de consciência da universalidade diferenciada. Cada idioma reconhece os conceitos que seus usuários acreditam ser significativos: em espanhol, por exemplo, existem aproximadamente quatrocentos nomes de uso corrente¹²⁸. Nem todos os tipos de texto relevantes em cada comunidade estão fixados expressamente nos conceitos de seu vocabulário comum (por exemplo, cartas pessoais do presidente do governo, proclamas da Prefeitura de Madrid, notícias de política da imprensa catalã, poemas de Hölderlin, cartas ao diretor do jornal *El País*...); mas não podemos dizer que os nomes dos gêneros que são fixados no léxico de cada comunidade não sejam importantes. Constituem o conjunto de distinções básicas (intuitivamente funcionais) desse coletivo¹²⁹.

7.2.7.2. Em segundo lugar, certos setores da realidade criam seus próprios tipos de texto. Assim, o jornalismo produz classes (e, conseqüentemente, nomes) como notícia, crônica, perfil, reportagem, carta ao diretor, editorial, anúncio etc.; no mundo da religião católica são encontrados textos como batistério, homilia, oração, sermão, encíclica, pastoral etc.; na esfera da administração política ou judicial acham-se tipos como sentença, emenda, edital, decreto, lei, decreto real, foro, mandato, certidão de nascimento e muitos outros. Esses tipos de textos são reconhecidos em conceitos que em princípio não pertencem à língua geral, mas a círculos mais reduzidos: estão na linguagem do jornalismo, na linguagem da religião, na linguagem da administração pública etc.

7.2.7.3. Em terceiro lugar, os significantes dos conceitos podem superar o nível da simples palavra. São formados, nesses casos, pela

¹²⁸ Em Loureda (2003b) é apresentada sua estrutura semântica. Para os nomes dos textos em alemão, pode-se consultar Dimter (1981).

¹²⁹ Além disso, é preciso distinguir claramente entre aqueles tipos que são de uma comunidade determinada (os que têm nome que os individualiza) daqueles que se originam, sim, em identificações de objetos (como os poemas de Hölderlin); e ainda, entre os nomes dos tipos, pode-se distinguir entre os nomes tradicionais (puramente intuitivos) e os terminológicos, baseados em distinções objetivas.

determinação progressiva com complementos. Assim, 'cartas de amor' implica como conceito a soma de 'cartas' e de 'amor': portanto, são, como classe essencial, um subgênero das cartas determinado pelo tema. Os conceitos formados por acréscimo de outros mais simples implicam duas coisas: por um lado, evidentemente, podem ser reduzidos a outros (são, se preferirem, conceitos de segunda linha, deriváveis de outros hierarquicamente principais) e, por outro lado, sua prolongação se faz sempre a partir das dimensões essenciais do nível individual do falar (ver § 7.1.). Assim, os conselhos das mães constituem uma subclasse de conselhos determinada do ponto de vista do emissor; os correios eletrônicos sobre temas profissionais são basicamente uma classe de correios eletrônicos com uma determinação pelo conteúdo; e as circulares enviadas por gerentes a chefes de seção são, no fundo, circulares determinadas, simultaneamente, pelo emissor e pelo destinatário.

7.2.8. Definitivamente, para caracterizar um tipo de texto no nível mais geral é preciso examinar sua finalidade, por um lado, e, por outro, suas exigências em relação ao falante, ao ouvinte, ao ambiente, ao meio de comunicação e ao próprio discurso, enquanto conjunto de palavras com um conteúdo e com uma forma. Para tanto, a dimensão tradicional dos textos é construída como concretização de seu nível universal. Para formar novos gêneros basta criar uma especificação essencial nas dimensões universais dos textos. A este novo gênero e a seus traços essenciais são atribuídos traços concomitantes que indicam como ele é (ver § 7.2. 9). Há algum tempo foram criados novos tipos como o *chat* (cujas propriedades essenciais são 'conversa', 'pela Internet' e 'por escrito') ou as mensagens *S[hort] M[essage] S[ystem]* ('mensagens', 'curtas' e 'transmitidas por telefone celular'). Surgem, respectivamente, por determinações dos gêneros conversa e mensagem. Do ponto de vista da regularidade tradicional, observam-se certas coincidências: em ambos os casos preferem-se a elipse e a construção morfológica que combina ideogramas, signos linguísticos e signos não linguísticos.

Além disso, os tipos de texto podem ter exigências para todas as dimensões universais. O mais comum, no entanto, é que cada classe de discurso apresente determinações apenas em algumas delas. Assim, a *barganha*, cuja finalidade genérica é a negociação, requer necessariamente

uma classe de interlocutores (ao menos um comprador e um vendedor), um tema concreto (o preço de algo) e um contexto (uma transação). Mas não apresenta exigências sobre o meio de comunicação (pode ser feito por telefone, por fax, oralmente, por escrito ou de qualquer outro modo). O tipo de texto *receita de cozinha*, por sua vez, está unicamente determinado pelo conteúdo (se conta como e com que ingredientes se prepara um prato ou uma bebida) e por sua finalidade (a exposição deste conhecimento); não está, no entanto, determinado pelo falante (pode ser qualquer pessoa, não apenas um cozinheiro profissional), pelo receptor (é, em si, universal), pelo meio de comunicação (pode se dar por escrito, oralmente, pela televisão, pelo teletexto, pelo telefone celular etc.) e pelo ambiente.

7.2.9. Nem tudo o que é o tradicional nos discursos constitui uma *propriedade essencial* ou requisito para a construção de um gênero. A maior parte das características dos tipos de texto não indica o que é esse gênero, mas simplesmente como é. Esses traços são *concomitantes* ou acessórios, e nem por isso pouco importantes ou irrelevantes; ajudam a configurar o tipo de texto, mas não o criam; contribuem para polir sua complexidade e para identificá-lo rapidamente, mas não implicam exigências. Por isso trata-se de características que costumam aparecer nos discursos: todos ou quase todos os falantes que empregam cada gênero as obedecem; e todos ou quase todos esperam encontrá-las no falar dos outros. Funcionam, por baixo dos traços essenciais, como convenções de grupos e falantes. São, em síntese, *tradições discursivas regulares*. Assim, o gênero *conto-de-fadas* é identificado antes de tudo por sua finalidade: estética; o fato de um texto começar ou não por *Era uma vez* (*Houve um tempo* ou *Há muitos anos*), *Érase una vez*, *Once upon a time*, *Il était un fois* ou *Es war einmal*, não é um fato definidor para que se situe na classe dos contos-de-fadas, mas contribui para sua rápida identificação e compreensão, já que costumam começar com essas fórmulas. E nos necrológios, por exemplo, o conteúdo é definidor: sempre se anuncia o falecimento ou o aniversário de falecimento de alguém; no entanto, a menção dos familiares do falecido não é definidora, ainda que isso seja comum.

7.2.9.1. As regularidades dos gêneros são hábitos do falar próprios a grupos de vários tamanhos. Os acordos e as normas podem vigorar em

âmbitos diferentes, desde os bem amplos até os mais reduzidos: por exemplo, as convenções sobre como se escreve uma mensagem SMS são em grande parte comuns em diferentes comunidades de fala; por outro lado, as convenções ou tradições de inúmeros textos administrativos são muito variáveis, pois dependem de âmbitos concretos de uso, e o normal é que essas convenções sejam diferentes dentro de uma mesma comunidade de fala¹³⁰.

7.2.9.2. Os traços concomitantes podem cingir-se a diversos aspectos dos discursos. Em primeiro lugar, podem afetar o texto como um todo. A convenção pode se referir à formulação global das palavras: à sua fixação, definitivamente. Assim, a comunidade de fala hispânica tem textos fixos para cumprimentar como *Buenos días* (*Buen día* é menos geral ou é diatopicamente marcado), *Buenas tardes*, *Buenas noches* etc., diferentes dos textos fixados para a comunidade francesa (*Bonjour*, *Bonsoir*, *Bonne nuit*) e diferentes dos cumprimentos da comunidade anglofone (*Good morning*, *Good evening*, *Good night*). São, em todos os casos, formas conversacionais de cada comunidade para expressar o tipo de texto *cumprimento*, que, em essência, é o conjunto de palavras corteses que se dirigem a outra pessoa ao encontrá-la ou ao despedir-se dela.

Em segundo lugar, podem ser reduzidos a certas fórmulas que habitualmente contêm. Assim, as expressões *Había una vez* ou *Érase una vez*, para iniciar uma historinha, *Y colorín colorado...*, para terminá-la, *Adivina adivinanza*, quando se começa uma adivinhação, e *¿Qué será, será?*, para o início de um enigma, são traços de contos-de-fada, de adivinhações e de enigmas ditos em espanhol que não definem estes tipos de texto, mas costumam ocorrer neles.

Pode se tratar, também, de convenções relativas a procedimentos textuais mais gerais, como o emprego de certas técnicas: na conversação espontânea, a narração de um diálogo anterior costuma desenvolver-se em estilo direto, mas o estilo indireto é o preferido em conversas mais formais;

¹³⁰ Isto nós, professores universitários, sabemos muito bem, pois o tipo de texto currículo apresenta tantas tradições diferentes quantas administrações existirem.

nas mensagens de telefone celular se misturam signos linguísticos com outros símbolos e elementos gráficos; no discurso perante um foro ou tribunal (como uma defesa de tese de doutoramento) é usual uma *captatio benevolentiae* etc.

É possível, também, a existência de convenções no nível das *superestruturas*, na terminologia de Teun van Dijk: a carta ou o correio eletrônico costumam apresentar, além do paratexto, um cabeçalho, um corpo discursivo e um final.

7.3. Em última instância, os textos constituem unidades do falar singulares, únicas e irrepetíveis, como produtos da atuação de um dado falante em circunstâncias concretas. São, assim, atos de fala que são realizados sobre traços universais, sempre necessários (exigências intrínsecas da própria noção de falar em um dado ambiente); são, também, atos de fala construídos com base na intuição de um tipo de texto; e são, finalmente, atos de fala que costumam se ater a uma tradição verbal. Seguem uma tradição e, por sua vez, constituem pautas para atos de fala análogos, alheios ou próprios, do futuro. E sem que haja contradição alguma, os textos são algo mais: superam estas limitações consentidas livremente. Constituem, finalmente, *criações*, no próprio sentido mais humboldtiano da palavra.

7.3.1. Como diz Eugenio Coseriu constantemente, a liberdade criadora é uma das propriedades essenciais da linguagem¹³¹ e, se o ato de fala é a realidade palpável da linguagem, a criatividade se manifesta nesse nível com toda sua força. O falante pode omitir certas características esperadas (exigências e normas dos tipos de texto, definitivamente) em virtude de uma finalidade última mais poderosa; pode superar tanto as propriedades essenciais como as gerais¹³².

¹³¹ Por exemplo, em Coseriu (1991, p. 21): "Entender a linguagem como enérgeia significa, conseqüentemente, considerá-la como atividade criadora em todas as suas formas. Enérgeia é tanto a linguagem em geral como a linguagem enquanto fala. Todo ato de falar é, até certo ponto, um ato criador".

¹³² As características históricas dos textos (sua tradicionalidade) não funcionam como limite para a criatividade, ao contrário, constituem condição necessária para que esta se desenvolva. Nas atividades culturais, a liberdade individual, a liberdade criativa, se integra na historicidade.

7.3.2. Os traços essenciais assim o são porque conformam os tipos de texto como tais: geram classes de atos de fala. Não são essenciais porque nunca podem faltar. Ao contrário, quando faltam provocam automaticamente *efeitos de sentido* (segundo Kabatek *online c*, *evocações*). Podem-se conseguir, como se diz, efeitos cômicos ou piscadelas de cumplicidade se pêsames são dados a um recém-casado: assume-se que este não sente seu casamento como uma desgraça. Outras vezes são bloqueados os efeitos performativos do texto: se uma receita médica ou uma certidão de óbito não vierem assinadas por um médico credenciado, não são válidas; e se a autorização dos pais não chega ao colégio assinada pelo pai, pela mãe ou pelos tutores do aluno, também não será aceita. Nestes casos, quando os desajustes entre os traços essenciais esperados de um gênero e um texto concreto são feitos a propósito, são gerados atos de fala fraudulentos. Por último, o que acontece com frequência é a quebra da comunicação: não sabemos reconhecer o gênero em que nos dizem essas palavras e, por isso, não as entendemos totalmente.

Mais comum é que nos atos de fala se prescindam das regularidades dos tipos de texto¹³³. Quando são omitidos, pode-se provocar dois efeitos contraditórios: em alguns casos a comunicação pode ficar reduzida, pois o destinatário necessita de mais tempo e esforço para reconhecer a classe de discurso, enquanto que em outros a efetividade pode ficar aumentada, pois o próprio ato de fala se destaca por sua criatividade sobre os demais exemplos do mesmo gênero.

7.3.3. O que foi dito acima implica que os traços essenciais e os traços gerais dos tipos de texto podem predizer apenas parcialmente o que

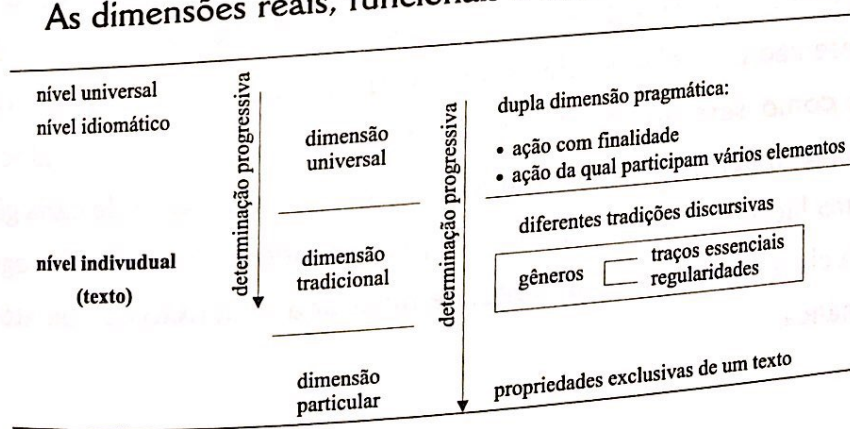
¹³³ Um texto que tem uma determinada finalidade expressiva pode conter, de acordo com a tradição discursiva na qual se inscreve, mais ou menos elementos que os estritamente necessários para cumprir uma finalidade expressiva concreta. Por exemplo, uma fórmula como "Era uma vez" não acrescenta informação proposicional ao texto que se segue e é, portanto, um elemento acrescido ao estritamente necessário para a mensagem, mas cumpre exatamente a função de inserção na tradição discursiva. Além disso, um texto elíptico como dois com leite pronunciado por um garçom se dirigindo a outro em um café pode justamente ser elíptico por sua inserção em uma tradição de textos mil vezes repetido com ambientes bem limitados que dão licença a tal redução.

e como é um determinado texto. Nenhuma classe de texto está em condições de explicar nenhum dos textos que são atribuídos a ela, nem pode esgotar todo o seu conteúdo: como membros de uma classe ou gênero, todos os textos são iguais entre si, mas, como fato individual, todos eles transcendem este nível. Todos os conselhos são iguais entre si como conselhos (cumprem algumas exigências essenciais do tipo de conselho e, além disso, todos costumam apresentar alguns traços gerais recorrentes), mas o tipo de texto *conselho* não pode caracterizar totalmente nenhum conselho concreto; por exemplo, os que Dom Quixote dá a seu escudeiro antes que este vá governar a ilha de Barataria. A tipologia textual diz o que são conselhos, descobre seus traços essenciais e explica como são idealmente e, além disso, pode caracterizá-los em função de suas coincidências de composição e organização; mas a análise de um conselho concreto escapa da tipologia textual. Trata-se de uma tarefa da linguística do texto, disciplina que deve considerar todos os ângulos: seu contexto (no exemplo citado, o contexto poético que o cerca), o emissor (Dom Quixote), seu destinatário (Sancho), seu conteúdo (os valores que transmite e o tipo de mundo que supõe), sua finalidade dentro do romance etc. Apenas assim se dará conta integralmente desses conselhos particulares.

8. Em síntese, como realidade última da linguagem, o texto pode ser concebido da forma que apresento a seguir:

Gráfico 3

As dimensões reais, funcionais e autônomas do texto



9. O texto, como último nível do falar, resulta em um campo complexo, no qual, de um lado, deixam sua marca os demais níveis da

linguagem (o universal e o idiomático) e, por outro lado, atuam funcionalmente muitos elementos diferentes (no nível mais geral, e além das palavras ditas, o falante, o ouvinte, o contexto ou ambiente, o meio de comunicação e a finalidade ou função). Para sua análise, Coseriu idealiza sua *linguística do texto* ou *linguística do sentido* (Coseriu, 1977)¹³⁴. Mas, como fato complexo, o texto apresenta diferentes níveis funcionais que podem ser objeto de análises mais concretas por parte de disciplinas subordinadas a esta ciência mais geral.

9.1. Como investigação histórica, a *linguística do texto* se ocupará de estabelecer os elementos universais dos discursos, o que se chamou em ocasiões diferentes de *traços de textualidade*. Trata-se de uma linguística do texto como teoria geral dos discursos.

9.2. No nível tradicional ou histórico dos textos cabem vários tipos de estudos. Em todos os textos cabem vários tipos de estudos. De qualquer forma, trata-se da análise das tradições discursivas.

9.2.1. Concretamente, a *tipologia textual* deve estabelecer os gêneros funcionais no falar de cada comunidade. Deve separar, além disso, aqueles traços que são essenciais para a constituição de cada classe de discurso, daqueles que são só concomitantes. Trata-se de revelar as diferenças, de forma que se consiga destacar o que é o distintivo de cada classe: assim, no momento em que se descreve o tipo de texto *petição*, é preciso indicar como este se opõe a outros (por exemplo, solicitação, rogo, pedido ou súplica); se a classificação se ocupa do discurso público, devem ser apresentadas as relações de oposição ou inclusão que mantêm com outras classes como sermão, conferência, dissertação, palestra ou alocução. Finalmente, tratar-se-ia de mostrar a dimensão paradigmática de cada gênero. Por outro lado, deve-se descrever os procedimentos tradicionais regulares de cada classe: trata-se, finalmente, de mostrar a dimensão combinatória ou sintagmática.

¹³⁴ Apesar de já ter sido esboçada com muita clareza em 1955, em seu artigo "Determinación y entorno: dos problemas de una lingüística del hablar".

9.2.2. Como em alguns discursos a dimensão tradicional implica sua fossilização completa, as disciplinas que se ocupam dos textos fixos também contribuem para o desenvolvimento da linguística do texto: uma delas é a paremiologia, já que examina os ditos populares ou provérbios das diferentes comunidades de fala.

9.3. E em terceiro lugar, deve haver dentro da linguística do texto uma técnica para a explicitação do sentido de cada discurso particular: uma *hermenêutica* (COSERIU 1977, p. 182-183). A linguística do texto como hermenêutica se ocuparia do plano individual do texto: como fato individual, não pode se tornar generalização, mas apenas descrição e análise (em resumo, interpretação). Mas, neste sentido, pode-se desenvolver uma técnica para a interpretação sistemática e embasada: tratar-se-ia, diz Coseriu, de uma *heurística* ou registro de fatos do discurso que permitem alcançar determinados sentidos (cf. III).

10. O outro conceito de *texto* apresentado por Eugenio Coseriu, o discurso como unidade idiomática, revela o que revela toda a sua linguística: a vontade de distinguir e separar o que é propriamente produto das línguas como tal, do que não é. Permite, além disso, estender a gramática para além dos limites da oração. É da gramática supra-oracional ou transfrásica que se ocupa a *gramática do texto* (COSERIU, 1997; CASADO, 1993).

